

LUZ MATINAL

PERIODICO LITTERARIO, CHISTOSO E NOTICIOSO

Orgão da Sociedade União ás Lettras



ANNO I

Aracajú, 11 de Julho de 1882.

NUMERO 4

Luz Matinal.

A escravidão.

Desgraça da nossa terra!
Vergonha do meu Brazil.

A. Machado.

A escravidão é o duro supplicio da materia. A alma, porem, livre como o pensamento, não acha no mundo das conveniencias barreira altiva, que prive a sua liberdade!

Porque?...

Porventura o vento dos covis do infinito, dos rotos seios das immensidões, que abraça com suas largas azas as bacias do oceano, será possivel privar-a de voar?

Não; e o mesmo acontece com a alma.

A escravidão é o punhal de sangue, que embebe-se sem cessar nos membros fraticidos do homem escravo. E o homem escravo é aquelle que, pela negra lei do paiz, não tem crencas porque não tem liberdade não tem illusões, nem delirios, porque a esperança, esta phraze consoladora do desgraçado, no dito de Eschrit, como que já lhe não povoa a imaginação.

O duro supplicio da materia de alguma sorte toca á alma.

E é esta a lei do nosso paiz.

E' esta lei que o torna inferior ás outras nações da America, lei negra, barbara, escripta com o sangue escuro das conveniencias.

Este seculo mais magestoso que os seus antepassados, cheio de gloria, amor e vida tem um destino á cumprir perante o futuro.

O seculo glorioso XV, o seculo dos emprehendimentos maritimos de Portugal, o seculo de Guttemberg, Guttemberg genio immenso, que com a imprensa veio transformar a sociedade, propugnar pela liberdade absoluta, que, como o amor, não tem meio termo, no dito de Victor Hugo, cumprio o seu destino, de um modo estu-

pando, Se é porem verdade que tudo tem um destino, o seculo actual deve aclarar com suas luzes as frentes maceradas dos tristes escravos pela dor.

A verdade é esta e é incontestavel.

Não ha um homem por mais esclavocata que seja, que não adoren a liberdade, que não sinta sem repugnancia o horror do despotismo.

A felicidade não tem historia, é a esperança que canta, é o scepticismo que amaldiçoa. E a felicidade, encarada debaixo de um ponto de vista, consiste na liberdade.

Não podemos crer, se não é incrível, que um homem com o stigma da desgraça na fronte—o cativo, viva feliz e contente.

A materia tambem vive não é só a alma, e esta no homem cativo, é de quando em vez rota pelo chicote, mais horripilante q' a guilhotina.

A Inglaterra neste seculo rejuveneceu pela revolução religiosa; o Brazil rejuvenecerá tambem na primavera florida da liberdade desses que tyrannamente hoje são chamados escravos.

Oh! a escravidão é o supplicio de Tantalos e de Socrates!

E' ella que com os dedos impuros desfolha as alvas illusões da fronte scismadora do mancebo; é ella que desapiedada deixa a alma voar aos abyssos horribes do inferno de Dante!

E, philosophicamente fallando, o homem deve acarretar-se de matores soffrimentos?

E' licito matar moralmente a um seu igual?

Não!

E' horrivel a escravidão; propugnamos todos pela liberdade, anjo doirado que abraçou-se com o Brazil nas batalhas de Funnil e Cabrito.

Noticiario

«O Estudo». —Lemos o numero 4 deste bello jornalzinho, publicado na corte brasileira.

Como o *Trovador*, periodico litterario, publicado em Coimbra nos annos de 1843 á 1844, o *Estudo* há de viver no futuro. O seu primeiro artigo é cheio de uma sensatez admiravel, á bem do paiz. E na verdade pensamos como o collega. O Brazil enriquece, sem cessar, as principaes provincias do Imperio sem lembrar-se das outras, que não são mais que desnaturalada filhas.

Passando á parte meramente litteraria, deparamos com *a Espera*, vaga melodia de uma inspiração grandioza. *Beijo* cheio de amor, que val'um seculo de existencia! *Ao correr da pena*, merece ser lido. Quantas vezes estes factos não se reproduzem na historia da humanidade?

Jorge é o mancebo amante de seu pai, que em presença de seu livido e pallido cadafer assassina do barbaramente, jura vingar-se!.

A scena é commovedora. A' aquelle *meu filho*, assimellando-se um suspiro dos labios da mulher á quem deve o ser, mistura-se uma gargalhada estridente e convulsa, que fere os ares!

Jorge enlouquecera, porem viagara-se. Eis o mundo; a realidade de alguma sorte horripilante.

Scismar é um suspiro repassado de scepticismo, de uma alma em cujo coração não habitava a viçosa flor da esperança. E quando ao longe, na extrema do horizonte vai despontando, entre as brumas do espaço, um pedaço de firmamento rutilante, para a alma do escriptor, o anjo á quem deve esta regeneração vò do seu lado, deixando-o com a fronte pendida pelo

sopro da descrença, que mata, nas azas do scepticismo frio, como a masmorra que envelhece, e atravessando as immensidões, chega à eternidade!

São estes os principaes escriptos, do jornalzinho e, sem desejo de fazermos uma critica, escreve mos estas linhas ditadas pelos sentimentos subitos que apoderaram-se de noss'alma ao lê-lo.

L'hypocrisie est un hommage que le vice rend à la vertu.

Imprensa.—Com este titulo lê se no *Preceptor* de 22 do passado:

«Brilhante como ella mesma, começou em 1.º de junho do corrente à expargir seus clarões sobre os horisontes da imprensa a *Luz Matinal*, periodico litterario, chistoso e noticioso, órgão da sociedade *União de Letras*, no Aracajú.

Com prazer accusamos a recepção de seu primeiro numero e auguramo-lhe uma vida risonha e prazenteira.»

Agradecemos ao collega as phrazes animadoras com que nos obsequia.

Exames.—Começaram no dia 13 do corrente, os exames geraes de preparatorios.

Onde a razão se não ouve bem tolo é quem não se cala,

Le piété chrétienne anéantit le moi humain, et la civilité le cache et supprime.

Aquelle que nega a existencia de Deus é como o filho que nega seu pae.

SECÇÃO HISTORICA

O seculo XV e o seculo XIX.

O seculo decimo quinto foi a luz dos outros seculos.

A humanidade, que jazia adormecida nas trevas do obscurismo, comprehendeu o que até então não tinha podido comprehender:—o destino.

—Qual o destino do genero humano?

—Seguir, conquistar, sonhar com a gloria, ver a esperanza convertida em realidade, tal foi o que aconteceu, acontecimento sublime! neste seculo.

Cada homem tornou se um sonhador.

Cada homem, repleto de ignorancia, fitou no horisonte do futuro uma estrella rutilante: era a civilisação que constellava-se esplendida nas cunhadas do infinito.

Foi este seculo, digo mais, o seculo do progresso; o seculo dos sonhos gigantesco legados à posteridade!

Sabeis porque?

Da Italia, desta patria de Garibaldi—o genio das batalhas—surto um homem pallido, sombrio nas evoluções das idéas!

Este genio que sonhava com o infinito, fitando todos estes mundos nesta todo ignorado, vio os raios deslumbrantes da gloria aclarar uma rota coberta pelos nevoeiros que lhe prometia a immortalidade do seu nome.

Este homem era Colombo que assegurava à sua patria um mundo n'ampidão do oceano!

Porem, como o genio é do céu e só por Deus entendido, a sua promessa foi considerada uma loucura.

Colombo era um genio, asseguro, tinha na fronte as estrellas do arrebol e su'alma abrasava-se nas scintillantes chaminas de Venus no espaço azulado.

Sem ouvir a gargalhada de ironia que todos lhe davão, Christovam Colombo seguiu atraz da miragem dos seus sonhos, imperturbavel e meditativo como o rude marinheiro na nudez gelida da noite, recostado à amurada.

Imaginal o que sentia este homem quando o sol desatava a traça dourada sobre as espumantes ondas do oceano em evolução?!

No outro lado, via o céu que abraçava o mar, e o oceano, placido lençol d'azul à seus pés!...

O homem, o sonhador do Novo Mundo, sentia, então, o impossivel

FOLHETIM

A H Y

POR

J. P. S. LEITE

II

A VIRGEN INDIANA

Já vistes porventura um céu aniloe de agosto, onde a lua, rainha da noite, vaga solitaria pela concha do firmamento, derramando no espaço lagrimas de saudade? Já?

Se vistes podeis comparar esses dourados raios com as chaminas dos olhares de Ahy!

Bella, como Beatriz no paraizo coroadada pelo divino poeta italiano Dante; innocente como o ceciar da briza entre as verdes ramas

dos jasmineiros em flor; candida e alva como a agucena presa ao hastil; era a moça de que nos occupamos. Quereis mais? Lamartine diz no seu livro *Raphael*, descrevendo uma joven;—ella era a poesia sem lyra, ingenua como o coração, candida como a innocencia, meditando como a noite, como o dia luminosa, rapida como o relampago, como o espaço immensa.—

Ahy é assim. A' sua rara belleza junta-se 15 annos à immaginação; idade em que a pouca razão cria um mundo ao redor de si, cercados de dourados firmamentos, onde tombam luminosas e radiantes auroras.

Quinze annos!... idade em que o céu pensativo como que nos admira, namorando o lago silencioso da solidão, idade em que o vento que passa, a nevoa que cae, a flor que desponta, a alvorada que raia, a noite que vem... tudo en-

toa um hymno de innocencia, de amor de vida à nossos ouvidos.

Ahy gosava desse sorriso da natureza, d'esse hymno do tuffo cheio de scepticismo. Mas, porque é que no meio de tudo que embeteve nossa alma e arrebatou o nosso coração que palpita nos faz pender à frente a meditar, e desejamos a solidão?

Ahy era feliz, entretanto as vezes deixando a companhia do seu velho pai, vinha à margem do mar, e sentada na relva, com os pequeninos pés na areia, entoava um canto repassado de tristeza, que além repercutia nas horas do crepusculo...

O que significa esta lagrima misturada com este riso? A moça nem mesmo nos poderia responder. Os segredos da humanidade estudam-se nos corações, e este é incomprehensivel. A noite que segue ao crepusculo neste momento, pouco a pouco azulando

vel de sentir-se, e su'alma delirante em presença do espaço podia se comparar com o mesmo espaço!

Nunca a descrença, nesta tão longa viagem veio por instante gelar su'alma. O genio que fitava o espaço freneticamente pôde descobrir uma bella e elegante ilha na qual o oceano,—leão adormecido—beija as plantas—era o Novo Mundo!

Sim, era a America com suas arvores seculares, seu céu limpido e claro, que o genio descobria! Estava realisada a aspiração de Colombo.

Não foi só elle, porem, o homem que sonhou no seculo decimo quinto. O homem já pensava: porem o que sentia esquecia com o tempo. Era necessario um invento estendendo do genio, que nos lembrasse o passado, fizesse ficar o presente e prophetisar o futuro!

Despontou mais uma estrella no arrebol da civilização.

Na Alemanha, Guttemberg criou a imprensa. Celebrizou sua patria, impoz a igualdade, a liberdade do pensamento, e ar respiravel da alma humana, como nos diz Victor Hugo.

O mundo brilhou como a aurora rutilante quando enfacha o horisonte.

Houve uma transformação grandiloqua, semelhante a quando Deus disse ao cahos:—anima te e velle!

cada vez mais os horisontes, uma estrella que depois vem brilhando no lado do Oriente, todas essas transformações pelas quaes passa nesse instante a natureza, nos faz meditar, se não no presente, porem sim no passado.

Dir-se-ha que a noite que deca lenta e triste, com o seu negro véo de trevas, envolvendo a nossa alma nessa mortallia pavorosa do sepulchro, nos lembra a eternidade!

Ahy levava á margem do mar horas inteiras, como já dissemos, ora procurando combinar os sons das vagas que rolando vinham-lamber-lhe os pés submissas, ora, ouvindo extaziada o canto stridulo do tufão, nos galhos dos jatobazeiros.

Quando, finalmente, o sol encobria a sua luminosa face aos habitantes do planeta, a creança tornava para casa, protestando voltar no dia seguinte. A dura lei

Brilhou o mundo, immortalisaram-se os genios, e cumpre ao seculo XIX recordar os inventos sublimes do seculo XV.

Sciencia

Planetas.

Planetas são astros não luminosos que gyrão em torno do Sol.

As idéas mais geralmente seguidas, sobre a formação do systema solar, e que todos os sabios tem adoptado, como mais razoaveis, são devidas ao immortal Laplace.

A' principio, a massa compacta que hoje forma o Sol occupava todo o espaço ora limitado pela orbita do planeta. *Neptuno*. Esta massa muito menos condensada que actualmente, era dotada d'um movimento de rotação em torno do seu centro; e tinha uma enorme quantidade de calor.

Ella se resfriava, condensava se e ao mesmo tempo accelerava seu movimento. Em sua rotação, esta massa impellia de suas bordas parcelas mais ou menos consideraveis (como a *lama* se destaca de uma roda em accelerado movimento), e não formar globos, em começo luminosos, como a massa central, tomando como ella um movimento de rotação sobre si mesmo, e continuando em redor da massa central, que ia sempre di-

minuindo, o movimento que tinha quando fazia parte d'ella; resfriava se mais depressa, em razão de ser seu volume muito menos consideravel; tornavam-se opacos e esphéricos, porque um corpo gazoso abandonado a si no espaço e dotado do movimento de rotação, toma a forma espherica: estes corpos são os planetas actuaes.

Alguns d'estes corpos, levando mais longe a imitação, abandonam parcelas de sua materia, que formam outros globos, dos quaes elles forão, por seu turno, os sões; estes novos corpos, menores que os outros, animados tambem do movimento de rotação sobre si e de revolução em torno do planeta principal, são chamados pelos sabios, satelites ou planetas de segunda ordem.

D'onde veio este primeiro movimento de rotação que animava a massa nebulosa do immenso Sol primitivo, e d'onde originaram se os movimentos de rotação e revolução dos planetas e seus satelites?

A intelligencia do homem é forçada a parar aqui, como diante de todas as cousas primordiaes, deixando dar ainda um passo para se achar em face d'um outro ignoto sempre mais remoto, e nunca attingivel.

da natureza, que tudo acaba, o tempo velho e forte, veio coroar a virginea fronte da moça com mais uma bella primavera.

Ahy contava já deseseis annos.

A' noite, a sala de sua habitação, onde tudo respirava felicidade, alegria e socego de seus habitantes, encheu-se de conhecidas e amigas infantis da nossa joven.

O velho pae extremoso regorgitava de prazer, e em presença de tudo isto, mettendo as mãos nos bolsos da calça, dizia sem cessar:—Ahy é o sonho dourado da minha vida! De uma para ás duas horas da manhã as vezitas retiraram-se. A aurora depois, veio rompendo com o sorriso innocente da natureza, com a vida do universo, e a moça vestidinha de branco passeava no jardim, pizanda orgulhosa as pobres florzinhas que pouco havia que desabrocharam.

Uma dourada borbuleta, com

um sonho infantil, passara por juncto d'ella e fôra beijar uma pobre, mas purpurea roza, que balouçava-se na haste.

A moça corou. A sua cor morena que assemelha-se á junção dos dous crepusculos, desapareceu momentaneamente, e um vivo rubor purpureou as suas faces. Tinha ciúmes da flor.

A placida e innocente menina correu para a borbuleta, depois de desapiedadamente ter espalhado as petulas vizinhas da roza. Este quadro tão poetico e tão innocente foi presenciado por *Anita*, q' neste momento passava pela grade do jardim.

Ahy mirou-o: apanhou a vermelhinha e rubra flor do pó; e o mancebo soltou uma dessas phrases irreflectidas que sahe-nos dos labios sem vontade, parecendo mais suspiros que pallavras!...

(Continua.)

LITTERATURA

ODE

A' PRELUDIANO FERREIRA DA ROCHA.

Collega! não succumbas á descrença!
 As glorias no porvir são flores d'ouro,
 Rutilantes no cêo,
 E os fulgidos clarões que accendem o genio;
 Nas luctas da sciencia a gloria é o livro
 Que se erige em trophéol

Caminha, segue além! Quantas esp'ranças
 Acharás quando a meta de teu rumo
 Bem cedo fôr tocada?
 Então descança, amigo, a fronte augusta
 No regaço das cordas que colhestes
 Na longinqua jornada.

Da turba deixa, amigo, a voz sarcastica!
 Esta estulta cohorte que chasqueia
 Se gela no olvido;
 Caminha, lidador! E' grande e nobre
 Ver-se o fructo do genio em gloria immenso
 De grinaldas cingido.

Guarda n'alma as esp'ranças que dão vida
 E detesta as paixões que o mundo crê
 Em seu louco viver!
 Que importa ao viajor perdidos louros,
 Se nos bellos florões que adornão as glorias
 Elle os ha de colher?

Não vergues como eu a fronte augusta
 A' descrença que envolve em seus terrores
 A vida e o coração;
 Não queiras como eu na flor dos annos
 A crença suffocar n'um rizo estolido,
 Viver sem illusão.

Avante! avante sempre! Outras promessas
 Te obriguem a seguir a estrella errante
 Que te aponta a Chanaan!
 Ousado viajor, firme em teu rumo
 Não descreias da gloria e do trabalho
 Na voragem do afan.

A vida sem manbã é flor pendida
 Pelo adusto tufão que curva e mata
 A alma e o porvir!
 Na lide da jornada não, não queiras
 A taça onde o fel fervendo espuma
 As glorias polluir!

Aracajú, Maio de 1882.

ANTONIO PEREIRA DE CAMPOS.

Logogripho.

(Por letras)

OFFERECIDO A J. V. FILHO

Esta mulher 3, 7, 6, 4, 9,
 Neste rio navegou 4, 3, 10, 11,
 Esta mulher 11, 10, 10, 9, 7, 8, 9
 Nesta cidade morou 1, 8, 4, 9,
 Esta mulher 5, 3, 5, 8, 7, 6, 9
 Neste rio navegou 9, 1, 11
 Esta mulher 4, 11, 2, 9
 Nesta cidade morou 1, 8, 4, 9
 Esta mulher 5, 3, 4, 11, 2, 6, 11
 Neste rio navegou 8, 4, 9, 2
 Esta mulher 9, 7, 5, 8, 10, 9
 Nesta cidade morou 9, 2, 8, 3, 11

Muitas mais combinações
 Poderia apresentar
 Mas nada importa fazel as
 Pois é nome, e bem vulgar

H. MARTINS.

As decifrações das charadas do
 numero antecedente são: *Artaxer-*
xes, Rapé, Sermão, Hyppocenta-
rio, Jucinho, Lamartine Irrogar,
Terromoto, Terremoto, arpão.

ANNUNCIO

ASSIGNATURAS

NA CAPITAL

Mez 800
 Folha avulsa 200

FORA DA CAPITAL

Semestre 5\$500

PAGAMENTOS ADIANTADOS.

A redacção da *Luz Matinal* aceita todos os artigos litterarios que lhe sejam enviados pelos assignantes, e os publicará gratuitamente, desde que os julgue convenientes.

Não se publicam artigos de politica.

A *Luz Matinal* se publicará quatro vezes por mez. Os pagamentos serão feitos depois de se publicar o primeiro numero de cada mez.

Toda a correspondencia deve ser dirigida ao escriptorio da redacção, em casa do sr. Horacio Martins de Almeida, rua da Aurora.

Typ. da «Gazeta do Ara-
 cajú» Rua de Itaporan-
 ga numero 20.